

Alguns paradoxos dos devaneios da infância¹

Quelques paradoxes de la rêverie d'enfance

Jean-Jacques WUNENBURGER

Université Jean Moulin / Lyon 3.

E-mail: jean-jacques.wunenburger@wanadoo.fr

Boa noite a todos. Estou muito feliz por estar voltando remotamente ao Brasil, onde encontrei muitos amigos por muitos anos, e em particular amigos bachelardianos. Por isso, estou muito feliz que a tecnologia nos permita isto nesta tarde no Brasil, na França é noite, para falar um pouco sobre um grande tema de Bachelard chamado o devaneio da imaginação na infância.

A infância, ou seja, o conjunto de comportamentos dessa fase do desenvolvimento, e o infantil, que é a característica geral de tudo relacionado à infância. Assim, Bachelard evoca especificamente esses três aspectos da infância em todos os textos, tanto na epistemologia quanto na poética.

Portanto, já encontraremos concepções bachelardianas nos primeiros textos sobre *A formação do Espírito Científico*, por exemplo. Assim como também na *Poética do Devaneio*, no capítulo 3. E depois, há textos sobre infância que estão um pouco dispersos nos artigos sobre arte, sobre literatura, que estão agrupados no livro chamado *O Direito de Sonhar*. Então, proponho três perspectivas sobre essa questão da criança e da infância, e então veremos alguns problemas, algumas ambiguidades, algumas dificuldades que Bachelard deixou em aberto em seu trabalho.

Assim, o primeiro tema, cronologicamente, também talvez o mais pobre, mas também o mais conhecido, é obviamente a criança como estágio de desenvolvimento da mente. A criança é, portanto, para Bachelard, quando começa a estudar o lugar da imaginação na ciência, é o primeiro estágio pré-científico da mente humana.

A criança ainda tem uma percepção, uma representação muito animista da realidade. E esse animismo é, para Bachelard, um obstáculo ao acesso ao conhecimento conceitual, ao conhecimento abstrato. Portanto, a criança não pode entender espontaneamente o mundo de forma racional.

E Bachelard retoma uma concepção bastante compartilhada nos últimos séculos, que consiste em traçar um paralelo entre a infância individual e a história das sociedades que permaneceram no estágio da infância.

¹ Transcrito e traduzido por Thácio Ferreira Santos (Doutorando em Filosofia pela UFU) e adaptado por Gabriel Kafure da Rocha (Doutor em Filosofia pela UFRN, Docente Permanente do PPGFIL UECE e do PROF-FILO IFSertãoPE).

E assim, Bachelard retoma o paralelismo entre ontogenia e filogênese, que se aproxima muito das teses de Auguste Comte. Encontramos tudo isso, especialmente em *A Formação do Espírito Científico*.

A segunda perspectiva é o que chamo, usando o título de Bachelard, de devaneios em relação à infância. Então, neste caso, Bachelard está interessado na maneira como o adulto se lembrará, seja do seu passado mais distante, o passado infantil, ou do passado da primeira infância. E assim, a questão da infância permite que Bachelard desenvolva uma filosofia da memória, um pouco como Bergson, que desenvolveu muito a questão da memória, enquanto, ao mesmo tempo, Bachelard está muito interessado na representação do futuro, do que vai ser descoberto, do que vai ser criado. Então, a infância é o que nos permite falar sobre memória.

O que é característico dessa abordagem é que Bachelard substituirá gradualmente a psicanálise da criança por uma fenomenologia da memória. A psicanálise ainda estava muito presente, por exemplo, na psicanálise do fogo, onde Bachelard usa muito Freud e Jung para falar sobre traumas e fantasias da criança. Mas na *Poética do Devaneio*, no final de sua vida, Bachelard valorizaria acima de tudo a fenomenologia da infância e não a psicanálise.

Ele gradualmente abandonou as preocupações psicanalíticas. O que também é notável é que Bachelard, na *Poética do Devaneio*, valorizará acima de tudo, nas lembranças, as lembranças da felicidade e não as lembranças do infortúnio. As memórias da infância são memórias de descanso, proteção e a imagem do local de nascimento.

E assim, Bachelard valorizará acima de tudo o lado paradisíaco da infância e não o lado traumático da infância. Mas, gradualmente, cada vez mais em Bachelard, surge uma terceira concepção de infância, que não é mais a infância da memória pessoal, mas que é a referência a um arquétipo da infância.

Portanto, essa terceira dimensão arquetípica vem do desaparecimento da temporalidade do passado, vem do desaparecimento da cronologia do filho. A infância não é mais uma época passada, a infância é um estado de sonho que é tanto passado, presente quanto futuro.

A infância torna-se assim o que Bachelard chama de atemporal e também poderíamos usar o adjetivo durável. A infância não se foi, a infância é sustentável em todos os momentos da vida.

E assim, a imaginação da infância está ligada à poética das palavras. E então surge a pergunta, e a criança antes de falar, ou seja, a criança que ainda não fala?

Vemos assim que em Bachelard, a criança não é mais psicologizada, ela é idealizada. É idealizado como a estrutura poética do mundo. O segundo problema, como vimos, é que, para Bachelard, sonhar acordado com a infância já valoriza estados de felicidade e esses estados de felicidade fazem parte do arquétipo da infância, e, portanto, são características atemporais da infância.

Paradoxalmente, no texto *Poética do devaneio*, Bachelard insiste na importância da melancolia do devaneio infantil. Melancolia, que é um pouco como a estrutura da saudade, ou seja, do passado. E então Bachelard diz que é uma felicidade atemporal e, ao mesmo tempo, é uma felicidade que não existe mais. Há uma espécie de tensão em Bachelard entre felicidade atemporal e a nostalgia, a melancolia que está inscrita em uma duração, uma duração quase bergsoniana.

O terceiro problema, como vimos, é que Bachelard enriqueceu sua concepção da alma. Diz-se que esse devaneio também é um trabalho de memória, e se é um trabalho de memória, também é um trabalho de interpretação do passado, e, portanto, também é uma hermenêutica.

E assim, pergunta-se se, em um dado momento, Bachelard não poderia ter desenvolvido considerações como as de Paul Ricoeur, sobre a hermenêutica do tempo, sobre a hermenêutica da memória? Nós nos perguntamos se a fenomenologia da infância não deveria ser complementada com uma hermenêutica da infância, que Bachelard não desenvolveu. E, talvez, a forma de desenvolver esse complemento tenha sido o estudo do imaginário dos mitos, que são reescritas de uma história original. Bachelard não estava interessado em mitos.

A quarta questão, a quarta dificuldade, na primeira parte de sua obra, particularmente no estudo das imagens de Paul Ricoeur, é que Bachelard insiste no inconsciente das imagens, no inconsciente da matéria, das forças, das formas.

Agora, em seu último texto, capítulo 3 da *Poética do Devaneio*, Bachelard faz do devaneio infantil uma produção do *cogito onírico* e, portanto, de uma consciência onírica.

Em outras palavras, o que acontece com o inconsciente da infância na última Bachelard? O que acontece com o inconsciente na obra de Bachelard nos últimos textos? Por último, termino com esta pergunta, mas que é ao mesmo tempo uma espécie de conclusão.

A infância, para Bachelard, é uma origem. Esta é a origem dos obstáculos, é a origem dos arquétipos. Mas, na verdade, Bachelard não acha que a origem seja uma fonte de poesia. O que é poético sobre a infância é que a infância é uma fonte de poesia. A infância é um começo, não uma origem. Um começo.

A cada devaneio sobre a infância, a cada momento em que revivemos nossa infância, começamos a vida de novo. E assim, a infância é a verdadeira fonte criativa do poético. Minha conclusão é que, através do tema da infância, Bachelard nos mostra que o ser humano é um ser para um novo começo, e não um ser para a morte, como diz Martin Heidegger.

Por fim, a infância é uma categoria ontológica, é uma categoria metafísica, que substitui a categoria da morte. Podemos dizer assim que Bachelard, apesar de muitas semelhanças com Heidegger, é um filósofo absolutamente anti-heideggeriano.



WUNENBURGER, Jean-Jacques. Alguns paradoxos dos devaneios da infância. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.3, 2024, eK24066, p. 01-18.

Recebido: 08/2024

Aprovado: 09/2024